

Incerteza e bombas no início da era pós-Assad

FIM DE UMA ERA

SÍRIA, DIA 1 PÓS-ASSAD
EUA, Israel e Turquia atacam alvos no país enquanto rebeldes tentam restaurar ordem

Um dia após a queda do ditador Bashar al-Assad e a tomada de Damasco, as forças rebeldes que derrubaram o governo da Síria começaram a tentar restabelecer o senso de normalidade ontem, em meio às preocupações da comunidade internacional com a possível deterioração da estabilidade política do país. Enquanto um plano de transição não é apresentado e está em dúvida sobre quem de fato está no poder, países próximos à crise na região lançaram ataques contra partes do território sírio — um indicativo de que atores externos podem ter um peso tão decisivo quanto as deliberações entre os nacionais.

Entre o domingo e ontem, uma série de ataques estrangeiros foi lançada contra o território sírio, fragmentado entre vários grupos, Estados Unidos, Israel e Turquia bombardearam alvos em partes distintas do país, observando demandas estratégicas e de segurança próprias. Nenhum agente estrangeiro afirmou ter atacado o Hayat Tahrir al-Sham (HTS), principal grupo envolvido na derrubada da ditadura de Assad.

Em pronunciamento em Jerusalém, o chanceler de Israel, Gideon Sa'ar, afirmou que as Forças Armadas israelenses bombardearam "sistemas estratégicos de armas" que pertenciam às forças de Assad, incluindo armas químicas e mísseis de longo alcance. Um fotógrafo da CNN flagrou o momento em que caças israelenses cruzaram as Colinas de Gólia em direção ao território sírio, e repórteres em Damasco disseram ter ouvido explosões no começo da manhã.

O único interesse que temos é a segurança de Israel e seus cidadãos... É por isso que atacamos sistemas de armas estratégicas, como, por exemplo, armas químicas residuais ou mísseis de longo alcance e foguetes, para que eles não caiam nas mãos de extremistas — afirmou Sa'ar.

A miríade de grupos armados que surgiram ao longo de 13 anos de guerra civil na Síria, muitos deles unidos pelo único objetivo de derrubar Assad, é motivo de preocupação por parte de vários países. Hoje esse que, em vez de uma transição ordenada, forças com interesses opostos entram em rota de colisão para garantir uma fatia



Grupo de pessoas acompanha escavação na notória prisão de Sednaya, em Damasco, à procura de possíveis celas subterrâneas.



DIVISÃO DO PODER NA SÍRIA

Após queda do regime de Assad, controle do país está na mão de diversos grupos



maior de influência — sobretudo em um país onde ainda há atividade de grupos terroristas internacionais. Foi esse o pretexto alegado pelos EUA para bombardear 75 alvos ligados ao Estado Islâmico (EI) na Síria no domingo. No comunicado que informou sobre o ataque, o Comando Central do Exército dos EUA (Centcom) afirmou que a missão visava degradar as capacidades do grupo terrorista para impedir que o EI tirasse vantagem da instabilidade po-

tórica de violações de direitos humanos e terroristas.

— Tomamos nota das declarações dos líderes desses grupos rebeldes nos últimos dias. Eles estão dizendo as coisas certas agora, mas como estão assumindo uma grande responsabilidade, ficaremos atentos não apenas a suas palavras, mas a suas ações — disse. Não foram apenas grupos considerados terroristas e as forças do regime Assad que sofreram represálias internacionais. Enquanto as ruas de Damasco eram palco de uma celebração histórica após mais de 50 anos de ditadura, confrontos eram registrados no norte entre duas forças rebeldes: o Exército Nacional Sírio, que conta com o apoio da Turquia, e as Forças Democráticas da Síria, de maioria curda.

Ancara tacha os curdos na Síria, que recebem apoio americano, como terroristas, acusando-os de manter relações com o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), que promove atentados em solo turco em meio a sua reivindicação por um Estado independente. Em combates perto da fronteira entre as regiões dominadas pelas as duas facções, forças turcas bombardearam tropas curdas, com ao menos 22 mortes confirmadas por fontes ligadas ao movimento.

Mesmo sem o controle completo do território sírio, a liderança do HTS tem tenta-

do passar sinais de moderação. O líder do grupo, Ahmed al-Sharaa (que até domingo se identificava pelo nome de guerra Abu Mohammad al-Jawlani), fez promessas de respeitar a diversidade étnica e religiosa do país e garantir o fim do sectarismo. Também afirmou que as instituições devem ser preservadas e indicou que haveria um governo com participação popular.

GOVERNO DE TRANSIÇÃO

A narrativa parece estar acompanhando a realidade neste momento inicial. Ontem, combatentes foram vistos em Damasco, em frente a prédios públicos e instituições privadas críticas, como agências bancárias, e em funções como ordenar o trânsito em cruzamentos mais movimentados da capital, no que indicava uma tentativa de manter a ordem — após um dia de êxtase, em que saqueadores roubaram e depredaram locais relacionados ao regime de Assad, incluindo o Palácio Tishrin, antiga residência oficial.

Enquanto exerce o poder de fato, o grupo rebelde começa a avançar com uma agenda política. Após uma reunião entre al-Sharaa e o premier do governo deposito, Mohammed Ghazi al-Khalil, o militante Mohammed al-Bashir foi indicado para liderar um governo de transição, que decidirá o futuro político do país. As regras

exatas da transição ainda não foram estabelecidas.

O Partido Baath, do líder deposto, afirmou ontem, em nota, que vai apoiar a fase de transição "para defender a unidade do país". A liderança da oposição a Assad no exílio defendeu uma proposta para instaurar um governo provisório por 18 meses e estabelecer uma Constituição no próximo semestre, com o intuito de pacificar o país antes de que sejam iniciadas disputas políticas pelo futuro governo.

O Parlamento da Síria, que até domingo era uma instituição pró-Assad, emitiu um pronunciamento ontem dizendo apoiar a vontade do povo de construir um novo país. O texto, publicado pela agência de notícias estatal Sana, menciona "um futuro mais bem governado pela lei e pela justiça".

O Conselho de Segurança da ONU, a pedido da Rússia — que ao longo da guerra foi a principal aliada de Assad e mantém bases militares na Síria — se reuniu para tratar da troca de regime no país. Ontem, continuou a libertação de presos políticos. Centenas de pessoas foram à prisão de Sednaya, nos arredores de Damasco, buscar notícia de parentes. A Rede Síria pelos Direitos Humanos estima que mais de 15 mil pessoas morreram sob tortura desde 2011.

Com o New York Times

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Pagina: 18